

RELAÇÕES DE GÊNERO NA CONGADA DE CATALÃO-GO

Marise Vicente de Paula¹
marisedepaula@bol.com.br

Alex Ratts²
ratts@iesa.ufg.br

Resumo: A (in) visibilidade da mulher é uma temática abordada na atualidade por diferentes ramos das ciências sociais. Durante um período histórico extenso, somente os grandes feitos masculinos eram notados. A partir da década de 1960, juntamente com outros excluídos, as mulheres foram incluídas à condição de objeto e sujeito da história. De acordo com esta tese, o presente artigo busca a visibilidade geográfica e histórica acerca das relações de gênero na Congada da Festa do Rosário em Catalão (GO), a qual representa uma das maiores e mais importantes manifestações populares de congado no Brasil. Para o desenvolvimento da pesquisa foi realizada revisão bibliográfica, trabalhos de campo junto à Congada de Catalão (GO) e às pessoas ligadas a esta instituição. O recurso metodológico da memória foi utilizado com o intuito de estabelecer interpretações sociais que permitiram lidar com a dimensão subjetiva do vivido e com as significações que configuram a vida dos sujeitos envolvidos na pesquisa. Até o momento, os resultados parciais demonstram que, apesar da Festa do Rosário acontecer em homenagem a uma figura feminina, Nossa Senhora do Rosário, a mulher vinculada à Congada sofre com o fenômeno da (in) visibilidade, uma vez que é indispensável na preparação das roupas, enfeites e alimentos, apresenta uma participação cada vez maior na Congada, porém, seus espaços de ação, ainda, estão muito vinculados ao privado e seu trânsito nos momentos dos rituais da festa obedece a uma espacialização que é hierarquizada e misógina.

Palavras Chave: Mulheres. Gênero. Espaço. Memória. Congada.

GENDER RELATIONS IN (GO) CATALÃO'S CONGADA

Abstract: The (in) visibility of woman is a thematic aborded at present by differents lines of social sciences. During a long historical period, only the great achievements male were noticed. From the 1960s, with others excluded, the women were included to the condition of object and subject of history. According to this thesis, this article search the geographical and historical visibility about the gender relations on the Congado of the Rosário's Feast in Catalão (GO), which represents one of the largest and most important demonstrations of congado in Brazil. For the development of the research was realized a literature review, fieldwork with the Congada of Catalão (GO) and and persons connected with that institution. The methodological resource of memory was used in order to establish social interpretations that permitted deal with the subjective dimension of experience and the meanings that confiiguram the life of the subjects involved in research. So far, the partial results show that, still of the Rosário's Feast occur in honor to a female figure, Nossa Senhora do Rosário, the woman linked to the Congada suffers

¹ Professora da Universidade Estadual de Goiás/Unidade de Pires do Rio. Doutoranda em Geografia na Universidade Federal de Goiás – IESA.

² Professor da Universidade Federal de Goiás – IESA

with the phenomenon of (in) visibility, it is essential in preparing of clothes, ornaments and food. Showing a increased involvement in Congada, but their areas of action, yet, are very linked to the private and your transit in the moments of the rituals of the festival follow a space that is hierarquizada and misogyny.

Key-words: Women. Gender. Space. Memory. Congada.

Introdução

A sociedade brasileira passou, nas últimas décadas, por profundas e rápidas transformações. Seu tradicional e arraigado perfil agrário vivenciou o desenvolvimento de uma nova realidade industrial e urbana, acarretando em problemas relacionados aos novos parâmetros sociais, políticos, econômicos, étnicos e de gênero.

A preocupação das camadas burguesas, neste contexto, era de higienizar e civilizar suas capitais segundo o modelo parisiense, o qual pregava uma disciplinarização, principalmente, da classe popular em relação ao espaço e tempo do trabalho que, também, atingia as relações sociais.

O modelo social ideal buscava a constituição de grupos humanos que vivessem sob leis e regras estabelecidas na moral e disciplina, sendo que, sobre as mulheres, recaia um peso ainda maior de uma conduta desejável. Esta nova ordem se apoiava nas premissas científicas da medicina social, que exprimia as características femininas baseadas em peculiaridades, como: a fragilidade, o recato, o predomínio das faculdades afetivas sobre as intelectuais e a subordinação da sexualidade à vocação maternal. (DEL PRIORI, 2004, p. 362)

Assim sendo, a mulher é relegada, no decorrer de sua história, a uma situação de submissão naturalizada pelos parâmetros sociais reforçados pela nova ordem econômica industrial no Brasil. Durante um período histórico extenso, somente os grandes feitos masculinos eram notados.

A partir da segunda metade do século XX, juntamente com outros excluídos, como os camponeses, escravos e as pessoas comuns, as mulheres foram incluídas a condição de objeto e sujeito da história. No entanto, existem poucas fontes de registros que possibilitem a reconstrução de sua atuação. Em relação à mulheres pobres, negras e analfabetas, em sua maioria, a situação se agrava.

No presente artigo, o qual representa parte de minha pesquisa de doutorado, ainda em andamento, intitulada *Sob o Manto Azul de Nossa Senhora do Rosário: mulheres e identidade de gênero na Congada de Catalão (GO)*, buscamos estabelecer reflexões acerca das relações de gênero na Congada de Catalão (GO), que representa umas das maiores e mais importantes manifestações populares de congado no Brasil. Será o estudo da memória, baseado nos relatos orais dos agentes constituintes da presente pesquisa, a principal fonte de coleta de informações. Sendo assim, o estudo da memória irá representar um recurso metodológico importante, visto que este estabelece interpretações sociais que permitem lidar com a dimensão subjetiva do vivido e com as significações que configuram a vida dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

O pensar a mulher na Congada de Catalão, buscando uma análise da identidade de gênero e, tendo na memória um instrumento metodológico, passa pela busca da identidade contada e revivida pelo próprio objeto do estudo.

A história da mulher no Brasil, em várias escalas, nos lembra a história do invisível. Na Congada de Catalão, apesar do papel fundamental que desempenham em vários departamentos da organização e execução da Festa do Rosário, a importância da mulher parece ter um papel secundário, de bastidores. A mulher é aquela que cozinha, costura, lava a farda e conduz as crianças nos ternos. Mas, a convivência com os ternos de congo nos mostra uma ação muito mais tênue e efetiva, ainda não discutida através dos olhos da academia.

Por isso, a opção de estudar a (in) visibilidade da mulher, considerando que esta abordagem vai além do fato da mulher ser, simplesmente, notada, mas, remete-se principalmente, ao fato da mulher não ser registrada pelos relatos históricos e geográficos, por ser submetida a espaços sexistas e misóginos que a relegam aos espaços privados, por sua presença no espaço público ser alvo de críticas e controles, por repetir a condição da mulher na sociedade que atingiu certa ascensão política, econômica, profissional e cultural, mas, ainda, é vítima de ações misóginas nestes diversos meios onde desenvolve sua vida cotidiana. Existir somente não basta. A

mulher busca participar, efetivamente, das ações sociais e culturais com liberdade de ação e respeito à sua individualidade de gênero.

Brandão discute as Congadas em três importantes obras, sendo que, especificamente, em *A Festa do Santo Preto* (1985) retrata Catalão. As outras duas obras são: *Peões, Pretos e Congos: trabalho e identidade étnica em Goiás* (1977), *De Tão Longe Eu Venho Vindo. Símbolos, Gestos e Rituais do Catolicismo Popular em Goiás* (2004), que retrata a Congada na cidade de Goiás e retoma Catalão. Em ambas obras, o autor não discute a atuação da mulher na Congada. O que ocorre é apenas a menção à existência de bandeirinhas e da rainha da família real, sendo que em outro trecho diz ser da mulher do festeiro o encargo de preparar refeições servidas aos ternos em dias de visita.

Neste sentido, com base nesta ausência da mulher na história da Congada de Catalão (GO), que o presente artigo busca enfatizar o estudo das relações de gênero na Festa do Rosário de Catalão, fazendo referência às mulheres pioneiras, ligadas à festa que construíram sua história, bem como as contemporâneas que trabalham em prol da fé em Nossa Senhora do Rosário, na organização e execução desta importante festa religiosa do interior de Goiás.

A área de pesquisa concentra-se na cidade de Catalão (GO), palco da Festa do Rosário, uma festa de Congada de origem africana, realizada a mais de 130 anos em homenagem a Nossa Senhora do Rosário.

A Congada é formada da reunião dos ternos do congo, do reinado e do General. Cada elemento componente da Congada apresenta suas características próprias, interligadas às demais no processo ritual que compõe a festa a qual reúne cerca de 20 ternos de congo, contando com aproximadamente, 2.000 dançadores no total, o que confere a Festa de Catalão, o status de uma das maiores do Brasil. (RODRIGUES, 2008)

O objetivo principal deste estudo é fazer uma reflexão acerca das relações de gênero na Festa do Rosário de Catalão na busca da visibilidade geográfica e histórica das mulheres junto as Congadas. Para tanto, foi realizada em um primeiro momento uma revisão bibliográfica acerca da mulher em termos de visibilidade,

representatividade social, lutas e conquistas históricas e geográficas em obras literárias, documentos, entrevistas de jornais, revistas e na internet, além de fontes sobre os assuntos correlatos. Foram também realizados trabalhos de campo junto à Congada de Catalão (GO), e às pessoas ligadas a esta instituição.

As categorias norteadoras deste trabalho são espaço e gênero. Estas colaboraram para a compreensão da espacialidade dos gêneros masculino e feminino no universo da Congada e as implicações disto para a Congada e a cidade de Catalão. Com este intuito trabalhamos com diversos autores como: Serpa (2007), Santos (2004), Silva (2003), Venture (2004), e estudiosos da Congada e das festas de Reinado, a exemplo de Brandão (1977), (1985) e (2004), Souza (2003), entre outros.

Espaço público e privado e as relações de gênero

Na obra *Por uma Geografia Nova*, Milton Santos (2004 p. 150), procura definir o conceito de espaço, considerando que este esforço é bastante complexo. Para ilustrar esta complexidade cita Santo Agostinho em uma passagem sobre o tempo na qual diz: “se me perguntam se sei o que é, digo que sim, mas se me pedem para defini-lo, respondo que não sei”. Assim seria definir espaço?

Para o senso comum a noção de espaço esta relacionada a uma série de situações, como localização de um objeto, sinônimo de território de uma nação, da crosta terrestre entre outros. O espaço geográfico, entretanto, objeto de estudo da geografia, é social, e de acordo com Santos (2004), contém ou é contido pelos espaços antes citados.

Definir o espaço geográfico implica em definir o espaço do homem, que é composto por múltiplas situações e contextos formulados por agentes históricos e sociais, daí a dificuldade de precisão na tentativa de homogeneização do que é múltiplo e dinâmico.

Um ponto de partida oportuno para a realização desta tarefa seria pensar o lugar. O lugar para Santos (2004, p. 152) “é uma porção discreta do espaço total”: o

autor continua sua explanação considerando que Aristóteles e Einstein mencionam o lugar como uma porção da face da terra identificada por um nome, no sentido de localização e pertencimento de propriedades que lhe davam forma e valor peculiares. Esta visão esta vinculada à noção de percepção, contendo uma direção, basicamente, psicológica. Porém, Santos (2004) afirma que, no ponto de vista teórico e epistemológico, o espaço precede o lugar.

Esta relação do espaço com o lugar representa uma tentativa de compreensão do conceito espaço, partindo da lógica didática de raciocínio - local para o global. Busca-se compreender que o lugar de vivência, concebido pelo ser, tem um caráter social, histórico e particular. Quando outros lugares (para quem os habita) ultrapassam sua vivência são agregados a este, o lugar do ser é ampliado e toma status de espaço geográfico.

O espaço deve ser considerado como um conjunto de relações realizadas através de funções e de formas que se apresentam como testemunho de uma história escrita por processos do passado e do presente. Isto é, o espaço se define por um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que estão acontecendo diante de nossos olhos e que se manifestam através de processos e funções. O Espaço é então, um verdadeiro campo de forças cuja aceleração é desigual. Daí porque a evolução espacial não se faz de forma idêntica em todos os lugares. (SANTOS, 2004, p. 124).

Desta forma, o espaço geográfico representa o espaço social e historicamente construído, e esta construção se dá pela dinâmica da sociedade que está em constante modificação, daí a impossibilidade de construir um conceito único, pronto e acabado de uma categoria que é fluida.

Quando falamos em espaço social, recorreremos aos grupos humanos como um conjunto homogêneo, mas se a proposta passa pela discussão de gênero há de se pensar no espaço em diferentes parâmetros. Será que homens e mulheres participam desta construção do espaço de forma igualitária? Os diferentes espaços são ocupados

por homens e mulheres sob algum critério histórico e cultural construído? Será na tentativa de refletir sobre estas problemáticas que construiremos esta análise espacial.

Um caminho possível para pensar o espaço, considerando as relações de gênero, seria a forma de ocupação e construção das relações espaciais de homens e mulheres no âmbito público e privado, a fim de delinear caminhos para discutir a espacialidade das mulheres congadeiras na Festa do Rosário de Catalão (GO).

O espaço público é entendido como o lócus da ação política e da possibilidade de realização dessa ação. É analisado sob a perspectiva crítica de sua incorporação como mercadoria para o consumo de poucos, inserido na lógica de produção e reprodução do sistema capitalista em escala mundial. Pode ser examinado como um símbolo da reprodução de diferentes idéias de cultura, da intersubjetividade que relaciona sujeitos e percepção na produção e reprodução dos espaços banais e cotidianos. Concluindo, evidencia o papel que deve ter a Geografia para dar respostas a todos esses questionamentos. (SERPA, 2007, p. 44)

Assim, sendo o espaço público considerado uma mercadoria para o consumo de todos, seguem os questionamentos. Tendo no gênero o elemento de reflexão, as mulheres têm acesso igualitário ao consumo do espaço público? Como as relações de gênero se configuram neste espaço? E na Congada, que se institui objeto de análise da presente reflexão, qual é o espaço feminino?

As relações de gênero na Festa do Rosário de Catalão

Apesar da Festa do Rosário ocorrer em homenagem a uma figura feminina, Nossa Senhora do Rosário, quem tem maior visibilidade no evento são os homens. Isso ocorre, porque as figuras do comando, como o Rei, o General e o Capitão são masculinas.

No reinado, por exemplo, a tradição reza que o Rei será escolhido pela Irmandade do Rosário, a Rainha por sua vez é escolhida em função do rei, assim como os príncipes e as princesas. Daí pode ser observado que o reinado tem uma figura masculina predominante. O cargo de General foi, historicamente, ocupado por homens,

assim como o de Capitão. Atualmente, existem exceções, pois, no Terno Mariarte (terno de mulheres) a Capitã é a Senhora Aldanice e o terno Moçambique Mamãe do Rosário traz uma mulher como segunda capitã. Todavia, este fenômeno é recente, visto que o Terno Mariarte foi fundado no ano de 2006 e o terno Moçambique Mamãe do Rosário cujo primeiro capitão é o Senhor Geraldo Dias com 77 anos, passou a utilizar a ajuda de uma segunda Capitã para marcar as músicas, devido a sua idade avançada, o que inviabiliza que ele cante por longos períodos e percorra os longos trajetos durante a festa. Este fenômeno, entretanto, segundo os entrevistados, quebra a tradição da festa, o que contraria muitas pessoas.

Durante as apresentações públicas nos cortejos, nas visitas e na entrega da coroa, sob o comando dos capitães, os ternos de congo realizam suas evoluções e apresentam suas músicas ao som das caixas e demais instrumentos. É a homenagem a Santa, ao reinado, aos festeiros que organizam, juntamente com a Irmandade, a festa e aos homenageados durante as visitas.

Neste contexto, as mulheres aparecem em um papel secundário, nos bastidores do evento, as quais cuidam das fardas (roupas dos congos), da alimentação nas reuniões festivas, na organização dos terços que acontecem durante o ano antes da Festa. Há também, a presença da esposa do festeiro na organização da festa. Além das já mencionadas bandeirinhas, guias das bandeirinhas e juízas.

Em entrevista, realizada em fevereiro de 2009, a Senhora Aldanice Moreira dos Reis, capitã do Terno Mariarte, expressa bem esta realidade:

Antigamente, as mulheres, até pouco tempo, antes da fundação do terno das mulheres, nós sempre trabalhamos com as Congadas, mas atrás, né? Na fileira de trás. Fazendo as fardas dos dançadores. Então, toda esta elaboração das fardas, bordar, todo este capricho pra eles se apresentarem bem bonitos lá, tudo é um trabalho das mulheres, as mulheres é que faziam tudo isso, aliás, fazem até hoje, continuam arrumando as fardas, fazendo tudo direitinho para apresentação dos homens, toda vida foi desse jeito, antes de aparecer o terno das mulheres para elas estarem na fileira da frente. (Aldanice Moreira dos Reis, Fev/2009).

Esta é a questão central da presente análise, visto que a mulher é essencial para a organização da festa, porém, sua ação é subordinada a do homem, tanto no reinado quanto na Congada. O poder exercido pelas mulheres se estabelece no espaço privado, junto às atividades de organização da festa, sendo que, sua participação no espaço público é controlada pela figura masculina sob pretextos misóginos, ocorrendo como uma espécie de subversão. Daí a tese da (in) visibilidade da mulher, pois esta tem certa visibilidade, porém controlada e aquém da expressa por seus desejos.

Mariarte: o terno das mulheres

O Terno Mariarte foi fundado no dia 10 de agosto de 2006, após uma longa jornada de luta de sua Capitã Aldanice Moreira dos Reis.

Aldanice tem 61 anos, é viúva, professora e vem de uma família envolvida com a Congada há quatro gerações. É filha de Benedita Moreira Quirino, considerada a primeira bandeirinha, da Congada de Catalão.

Em entrevista, realizada em fevereiro de 2009, Aldanice declara que começou aos 37 anos a participar das novenas na Igreja do Rosário. Porém, as novenas eram freqüentadas por pouca gente. Então, Aldanice começou a rezar o terço e implantar algumas modificações nas novenas. Considerava que, sendo as novenas realizadas em função da Festa de Nossa Senhora do Rosário, na Igreja dos Congos, nada mais natural que as músicas dos congos fossem cantadas durante a celebração, foi quando passou a freqüentar os ensaios dos ternos de congo e a cantar fragmentos das músicas que falavam de Nossa Senhora na novena na Igreja do Rosário.

[...] eu comecei a freqüentar os ensaios da Congada e lá eu pegava os cantos deles que falam de Maria que tem toda uma fé e uma devoção e levava pra novena. Então chegava lá eu cantava o refrão e Dizia assim: olha essa música eu vi no terno de Catupé Amarelim, essa eu vi lá no Vilão, sabe? Eu levava um versim e ensinava pra eles, umas pessoas que freqüentavam lá tomaram tanto gosto que tinha dia que a gente] não queria cantar música da Congada e eles ficavam cobrando [...] uai Aldanice hoje você não cantou música da Congada! (Aldanice Moreira dos Reis, Fev/2009).

Esta ação aproximou a comunidade católica das Congadas e também começou a levar a Congada para dentro da Igreja, pois a pedido de Aldanice e Vanda Fayad (atual terceira Capitã do Terno Mariarte) os congos começaram a participar da missa cantando e batendo caixa.

Após estabelecer este longo vínculo de trabalho junto às Congadas, Aldanice resolve montar um terno de mulheres. Conta que sua motivação partiu da observação de que quando a Congada saía às ruas, várias mulheres saíam atrás dos ternos dançando e cantando as músicas da Congada. Então, veio a idéia de fazer um terno só para as mulheres possibilitando a participação efetiva do gênero feminino na Congada. Todavia, Aldanice declara que romper com a tradição de domínio masculino nas Congadas não foi fácil. Para tanto, começou a fazer uma campanha em prol da criação de seu terno.

Cerca de sete anos atrás, Aldanice e seu compadre Braz Dias, locutor de rádio e no palanque apresentador da entrega da coroa todos os anos, começaram a rezar o terço da Irmandade. Este terço é rezado na casa dos devotos e dos Capitães e conta com a presença do Rei, da Rainha e do General. Assim Aldanice, orientada por Braz Dias, começou uma campanha para convencer a Irmandade, os Capitães, o Reinado e o General a apoiarem a criação do Terno de Mulheres.

Após escolher o nome do terno, Mariarte, e a padroeira do terno, que é Nossa Senhora do Carmo, começou a pedir a sua padroeira durante os terços que abençoasse a criação do terno de mulheres.

Eu preparei, arrumei o nome e já arrumei a minha padroeira e levava minha santa e falava – porque eu comando o terço né – eu quero pedir a Nossa Senhora do Carmo que vai ser a padroeira do meu terno que ela mesma vai nos ajudar a abrir o coração das pessoas para formação do Terno Mariarte (Aldanice Moreira dos Reis, Fev/2009).

Depois de um ano fazendo este trabalho de preparação, Aldanice relata que pediu uma reunião com a Irmandade do Rosário e os Capitães dos ternos de congo para oficializar o pedido de fundação do Terno Mariarte. A reunião foi marcada para o

dia 10 de agosto de 2005. Iniciada a reunião, Aldanice, acompanhada de mais oito mulheres que queriam participar do Terno Mariarte, pediu a palavra e fez o pedido formal para a fundação do terno de mulheres, argumentando que a mulher deveria ter um espaço maior nas Congadas e que este terno iria assumir mais a parte religiosa nos terços, missas e novenas. O Terno Mariarte não fazia visitas; Sua função específica seria a participação e organização das novenas e missas da Irmandade no período da festa e também fora dele. Com isso, um dos objetivos do terno seria levar ainda mais, a Congada para a Igreja, pois, Aldanice afirma que havia, até então, certo afastamento por razões de organização e históricas.

Ao terminar sua explanação, um Capitão, cuja entrevistada preferiu não citar o nome, pediu a palavra, argumentando que aquele pedido havia sido feito de última hora e por se tratar de algo tão alheio às tradições da festa, necessitaria de mais um tempo para reflexão. Então, Aldanice pediu novamente a palavra e argumentou:

Você não está participando dos terços da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, se você estivesse participando saberia que tem um ano que eu estou falando sobre este terno das mulheres. Então você está por fora, você deveria ter freqüentado os terços que você estaria por dentro. (Aldanice Moreira dos Reis, Fev/2009)

Diante do impasse, o secretário da Irmandade daquela data, Dan Ahsuero, propôs colocar o pedido em votação. Encerrada a votação, o Terno Mariarte recebeu a aprovação com 24 votos favoráveis e quatro contrários. E, o mesmo capitão que havia se posicionado contrário à fundação do terno se manifestou, novamente, argumentando que a votação não havia sido válida, pois, os segundos Capitães haviam votado junto com a Irmandade e isso fere o Estatuto desta instituição. Diante disto, nova contagem foi realizada na ata deste processo e, novamente, o Terno Mariarte foi aprovado, agora com 10 votos favoráveis e 04 contrários.

Ao ser indagada sobre o que motivou a rejeição dos 04 capitães à fundação do terno de mulheres, em sua opinião, Aldanice foi enfática:

Pra mim é machismo mesmo, porque não está escrito em lugar nenhum que só os homens podem dançar. É machismo mesmo! (Aldanice Moreira dos Reis, Fev/2009).

O Terno Mariarte não saiu na Festa do Rosário em seu ano de fundação, por não haver tempo hábil para preparação das roupas e instrumentos dentro de apenas dois meses. Saíram apenas Aldanice e oito mulheres com uma camiseta, cuja estampa trazia a imagem da padroeira do terno, Nossa Senhora do Carmo, no momento dos cortejos carregando o estandarte de Nossa Senhora.

Em 2006 começaram os esforços para preparar o terno para Festa. Várias eram as necessidades e várias foram as dificuldades. Era necessário organizar as fardas, os calçados e os instrumentos musicais. As sandálias foram ganhas de uma empresa local, as roupas foram feitas com recursos próprios, mas as caixas foram um episódio à parte.

Aldanice declara na entrevista que pediu ajuda para alguns congadeiros a respeito do processo de confecção das caixas. Disseram-lhe que deveria cortar o couro no formato da caixa e deixar de molho por vários dias. O resultado foi desastroso, como narrado a seguir:

Aí é que foi difícil, Nossa Senhora! Porque aí veio o problema de fazer as caixas, de confeccionar porque era custoso demais, agente perguntava, um falava: é desse jeito, perguntava outro, sabe quando a pessoa não quer que você faz. Então, dá as dicas erradas pra você! Agente teve isso demais, por exemplo, o couro pra curtir ele pra por na caixa falaram pra gente que era cortar no formato do aro da caixa, colocar dentro de um tambor com água colocar lá e deixar vários dias quanto mais dias ficasse melhor era e nós deixamos uma semana e nós perdemos 3 couros que nós pagamos R\$60.00 cada um, depois de tudo cortado e arrumado, menina! Virou um curtume a casa do meu menino que morava nesta esquina aqui. Então, era mais espaçoso lá, agente botou os tambores lá, e agente sofreu até a vizinhança mesmo, ficou um mal cheiro horrível e agente falando com outras pessoas, eles falaram o couro curte é no máximo dois dias três dia, se o couro for muito curtido e de um dia para o outro, a tarde você já pode trabalhar na confecção das caixas. (Aldanice Moreira dos Reis, Fev/2009).

O episódio das caixas teve tanta repercussão que o Sr. Elzon Arruda, Capitão do Terno de Congo Prego, em entrevista concedida em 2007, narrou o acontecido:

[...] até foi interessante as mulheres inventaram de encourar umas caixas e deixaram o couro de molho muito tempo e virou um mau cheiro e não prestava mais só que cada terno doou duas caixas, nós doamos duas, seu João parece que doou duas. (Elzon Arruda, Nov/2007).

A repercussão da perda dos couros, por si mesma, denota um caso de preconceito contra as mulheres, pois veio dar corpo à idéia sexista predominante de que as mulheres não são capazes de realizar determinadas tarefas tidas como masculinas, como por exemplo, confeccionar caixas de couro.

Após a impossibilidade de confeccionar as caixas pela perda do couro, Aldanice declara que, auxiliada pelo Sr. Durval, componente da Irmandade do Rosário, buscou a colaboração de vários Capitães de congo, os quais lhe doaram caixas prontas. Ainda conseguiram a doação de telas para rifas e alguns patrocínios que lhes possibilitaram sair na Festa do Rosário de 2007.

Outra dificuldade encontrada pelo grupo, narrada por Aldanice, foi de como se portar como uma Capitã, e de como ensaiar as mulheres para a apresentação na festa. A princípio, ensaiavam na frente da casa de seu filho, embaixo de uma árvore. Sentadas, com a caixa na mão, primeiro cantavam e depois batiam. Observando a cena, um cunhado de Aldanice, o Sr. João Batista de Souza, congadeiro desde criança, aconselhou-a dizendo:

[...] Ah... minha cunhada, desse jeito assim você não vai pra frente não, não vai sair com esse terno não. Pra ensaiar você já tem que ir pra rua, organizar o jeito que o terno vai sair e você já vai ensaiar, cantando, dançando e batendo a caixa, porque se você aprende a cantar primeiro pra depois bater a caixa vai virar uma confusão! Não aprende! Você tem que aprender cantando e batendo caixa. (Aldanice Moreira dos Reis, Fev/2009).

Então, João Batista ensinou Aldanice como ensaiar o terno e como dar os comandos com o bastão, que é a forma de organização das evoluções e ritmos que o

capitão deseja que seja feito pelo grupo. Após os ensaios, já preparadas saíram pela primeira vez na Festa de 2007.

As fardas usadas pelo terno de mulheres são bem femininas. Trata-se de uma bata e calça bordadas, sandálias padronizadas e uma boina ou chapéu de palha enfeitado com fitas de seda trançadas. As caixas também são pintadas com as cores do terno. O Terno Mariarte é o único a ter mais de um modelo de farda. Os instrumentos musicais também são variados, tendo grandes caixas de marcação, até caixas menores, pandeiros e afoxés.

Passados os cortejos e chegada a hora da entrega da Coroa, uma triste fatalidade ocorre, o marido de Aldanice veio a falecer. Aldanice conta que o grupo ficou muito abalado pela notícia e propuseram não participar da Entrega da Coroa. Porém, Aldanice pediu que elas fossem terminar suas obrigações com Nossa Senhora, guiadas por João Batista, seu prestimoso cunhado. Aldanice ficou muito emocionada durante a entrevista ao narrar este acontecimento.

Desde então, o Terno Mariarte participa ativamente, com reconhecimento de seu valor por parte da Irmandade e da comunidade catalana, das atividades da festa que se estendem por todo o ano, sob o comando de uma valorosa e inovadora mulher que muito tem contribuído para Congada de Catalão, tanto no processo de integração da Congada com a sociedade catalana através da Igreja, quanto com a valorização da mulher neste meio.

A preocupação que esta ação deixa, contudo, é que a conturbada relação da Congada com a Igreja seja amenizada através de ações pontuais. Além disso, que a aceitação social do negro, ainda, necessite de intermediários, como os religiosos e as mulheres da classe privilegiada, como é o caso da maioria das componentes do referido terno.

Congada de Catalão e a (in) visibilidade das mulheres

O Terno das Mulheres apesar de ter provocado uma efervescência nas relações de gênero dentro das Congadas de Catalão, a (in) visibilidade da mulher envolvida com a Congada, pelas diversas formas já mencionadas, ainda representa um fato concreto e curioso.

A fim de investigar este fenômeno foram feitas entrevistas com alguns Capitães de terno de congo e suas esposas, com alguns dançadores e com mulheres ligadas à Congada a respeito das relações de gênero na Congada de Catalão. As respostas envolvendo o terno das mulheres foram unânimes. Isto demonstra que a espacialidade da Congada é organizada também por relações de gênero, isto é, as mulheres têm lugares e funções espacialmente específicas, como preparar a alimentação, as fardas e os enfeites.

Inicialmente, as mulheres participavam da Congada apenas na confecção das fardas e na preparação dos alimentos, como afirma o Sr. Geraldo Dias, 77 anos, entrevistado em Outubro de 2008.

Não antigamente não. Tinha não, antigamente as mulher dos capitão elas até andava muito pouco, que vinha num carro de boi, andava ia na rua, mulher ficava mais por conta da cozinha, chegava as amiga delas envolvia com outras coisas também e o tempo passava elas num ia. Hoje as mulheres vão brincar dança também e elas fecham as casas e ia vai. A festa cresceu por causa disso aí. Antigamente elas via mais num ia, num acompanhava não. Era muito diferente. Hoje não, hoje elas vem dança, cê vê tempo todo o tanto de mulher pulano de ontem, em outro terno ta entrano mulher, e tem um terno de mulher também, tem o terno de mulher, cê já viu ele aí. Antigamente num tinha isso não. Parece que a mulher antigamente elas foi criada de um jeito, que elas parece que tinha ate vergonha de beirar o terno, só tava em casa. E hoje não o povo... Tem que gostar no meio mesmo, gosta de fazer a festa também (Geraldo Dias, out/2008).

A impressão que a fala do Sr. Geraldo Dias deixa é que as mulheres não participavam da Congada por que as convenções sociais da época (início do século XX) não permitiam. As mulheres neste período eram muito vinculadas aos espaços

privados, sua aparição em público tem hora e local, senão acabavam ficando mal vistas pela sociedade.

De acordo com Benedita Moreira Quirino, a primeira bandeirinha das Congadas de Catalão, entrevistada em fevereiro de 2009, a primeira figura feminina que saiu junto aos congos nas ruas foram as juízas. As juízas eram senhoras casadas, conselheiras dos ternos, cuja função era fazer doações para os ternos, podendo ser da família dos congadeiros ou não. As juízas esposas de dançadores de congos normalmente acompanhavam os ternos, mas com certa distância como relata o General Laudimiro em entrevista.

Tinha assim, as pessoas chamava juíza, as pessoas mais de idade, ai ficava por trás, ai ficava as bandeirinha, ficava os ternos, os dançadores ali ai ela ficava fechando, sempre fechando, não aproximava de dentro do terno. Então, ela ficava mais pra conduzir os fiéis, né? Sempre olhando, abraçando um, abraçando outro, minininho piquinininho, ai as juíza tinha esse cuidado de ficar ali, mas dentro dos terno mesmo ela não tinham. (Laudimiro Silva, out/2008).

Atualmente, a figura das juízas foi praticamente extinta da Congada. Somente o Moçambique e o Terno de Congo Marinheiro é que as mantém, mas não exercem mais as funções do passado.

Outra importante figura feminina das Congadas é a bandeirinha. Moças que carregam a Bandeira de Nossa Senhora e o Estandarte com o nome do terno na frente dos ternos de congo.

Inicialmente, a bandeira de Nossa Senhora do Rosário que vai à frente dos ternos eram carregadas apenas por homens. Foi por volta de 1938 que Eutálio Pereira, General da Congada neste período, decidiu convidar sua afilhada Benedita Moreira Quirino para carregar a bandeira que ia à frente do terno, como conta em entrevista cedida em fevereiro de 2009. Seu padrinho argumentou que queria que a família participasse mais ativamente da Congada. Então, resolveu convidá-la para ocupar este cargo.

Dona Benedita declara que dançou sozinha por cerca de dois a três anos, depois outra moça, chamada Maria Aparecida, popularmente conhecida por Parecida do Batel, passou a acompanhá-la.

[...] A função da bandeirinha é de zelar pela bandeira e pelo estandarte. Quando a festa acontecia na Velha Matriz, éramos responsáveis por rezar a novena. Não andávamos o dia todo como hoje, íamos a missa depois almoçávamos com a Rainha Augusta. Acompanhamos o terno que levava a Rainha de volta e as bandeiras ficavam na casa do festeiro enquanto íamos em casa trocar de roupa para pedir esmola para construção da Igreja de Nossa Senhora do Rosário. A noite na festa, trabalhávamos como garçonetes. (Benedita Moreira Quirino, Fev/2009).

A exigência da virgindade, como forma referência a Nossa Senhora do Rosário, representando uma das variações da Virgem Maria, Mãe de Jesus, nasce com a criação das bandeirinhas, como relata Dona Benedita.

Fiz como mandava a tradição, o juramento diante da bandeira do terno do Bairro do Pio, que o primeiro de Catalão. Eu disse: Eu, Benedita Moreira, juro frente a Bandeira de Nossa Senhora do Rosário que vou carregá-la o quanto puder, só vou sair por morte ou por casamento. Deixo o exemplo aqui para todas as próximas bandeirinhas, que sejam virgens. (Benedita Moreira Quirino, Fev/2009).

O tabu da virgindade da mulher na primeira metade do século XX era uma exigência à manutenção de uma boa imagem na sociedade. Quando iniciava a vida sexual fora do casamento, este era visto como um ato de transgressão à moral e aos bons valores, muito difundidos, também, pela instituição – Igreja Católica - na sociedade.

Este modelo europeu, herdado pelo latino americano de seus colonizadores, ditava a forma com que uma mulher era vista na sociedade e, provavelmente, foi adotado pela Congada no processo de permissão da entrada de mulheres jovens e solteiras, a fim de ser um critério para atestar a sua idoneidade, a qual era exigida para a importante função de carregar a bandeira que trazia a imagem de Nossa Senhora.

Questionada sobre as bandeirinhas da atualidade, Dona Benedita faz um desabafo, condenando o numero excessivo de bandeirinhas que, praticamente, tapam os caixeiros, além dos trajés (saias curtas demais) e do comportamento das bandeirinhas, que pulam com a bandeira da santa na mão. Na sua época vestiam saia comprida e dançavam com serenidade, a fim de respeitar a imagem que carregavam. Considera o comportamento das bandeirinhas desrespeitoso e já alertou, sem sucesso, os Capitães dos ternos quanto a isso. A mesma opinião é vista na fala de Maria Helena dos Reis, entrevistada em novembro de 2008.

Quando eu era bandeirinha existia um montão de normas a ser seguida que a gente percebe que não têm, o número de bandeirinhas era limitado, era menor, tinha o tanto certo, não podia mais nem menos. Não me lembro o número o terno tinha geralmente duas bandeiras podia ter até três desde que tivesse o número x. Hoje a gente vê uma porção de bandeirinhas e até cobre, dificulta a gente ver os caixeiros na frente, a gente depois que passa o tanto de bandeirinha que a gente consegue mal ver os caixeiros por causa da quantidade. Francamente, eu não entendo, não concordo, acho que devia limitar isso aí porque vai chegar uma hora que o número de bandeirinhas vai ser quase maior que o número de congadeiros e a função da bandeirinha né? No meu tempo a roupa tinha que ser extremamente decente, porque o compromisso da bandeirinha era levar a Santa. A Santa era o motivo da existência do terno, o respeito todinho pela Santa e, principalmente, quem estivesse segurando o mastro que sustenta a bandeira. A bandeirinha que tivesse essa função tinha que ter uma postura de quem carrega uma Santa, não podia dançar, só podia caminhar, ela tinha que caminhar. Hoje a pessoa está segurando o mastro da Santa e dança, pula, sacode a bandeira e essas coisas geram certa preocupação porque o forte da nossa festa é a tradição, é manter uma tradição através dos anos é perpetuar aquilo que nossos antepassados criaram com muito trabalho e seriedade pra fazer a história da nossa Congada. (Maria Helena dos Reis, jun/2008)

A busca pela manutenção da tradição é bem visível na fala dos entrevistados e isso acaba por fortalecer a resistência em relação à participação das mulheres, na dança e no manuseio de instrumentos musicais.

Em entrevista, realizada em fevereiro de 2009, com a Senhora Lourdes Inácio Lemes, 78 anos, esposa do Senhor Lázaro Joaquim José da Silva, dono do terno

de Congo Vilão II - Santa Efigênia, a respeito da participação das mulheres na Congada declara o seguinte:

De primeiro as mulheres gostavam mais de fazer as coisas pra Congada. Hoje elas quer acompanhar os ternos, não importa de fazer as coisa nada. Eu não acompanho o terno porque não posso fechar a casa, porque se alguém precisar de alguma coisa vem aqui atrás de mim. (Lourdes Inácio Lemes, fev/2009).

É possível perceber que, por volta de quinze a dezoito anos atrás, período em que D. Lourdes assumiu o terno Vilão II, a participação das mulheres era muito diferente. A função da mulher se restringia às atividades que a própria D. Lourdes realiza ainda hoje, que são como já citado anteriormente: cuidar da farda do marido, preparar o alimento e todos os detalhes da organização das festas e almoços para o terno, viabilizar material para a roupa dos dançadores e bandeirinhas, confeccionar os enfeites e bordados dos capacetes e adornos do terno.

É importante ressaltar que este trabalho das mulheres é árduo e longo, pois D. Lourdes começa a preparar os enfeites dos capacetes e das *manguaras* de seu terno desde o mês de maio, ou seja, ela gasta cinco meses de trabalho, com jornadas que adentram a madrugada, como declara em entrevista.

Para enfeitar os capacetes, primeiro nós encapa tudo com papel velho do ano passado, depois com plástico, e misturo as fitas brilhosa que fica dependurada. Antigamente, tudo era feito com papel crepom, mais não durava nada, dançava uma vez, chovia, aí tinha que corre e trocar tudo de novo. Quem me ajuda a fazer os enfeite são as menina e o João [Inácio dos Santos] meu sobrinho. (Lourdes Inácio Lemes, fev/2009).

Desta forma, a esposa do Capitão representa um ponto de apoio e organização indispensável à realização da Festa. Pois, a exemplo de D. Lourdes, são as mulheres que viabilizam todos os detalhes da apresentação, porém, de forma invisível, visto que nas ruas, nos livros, revistas e reportagens que são lançados acerca da Congada elas, raramente, aparecem e quando aparecem, são apenas mencionadas como figuras secundárias.

Congada e as relações de gênero no espaço

Após a realização de observações e entrevistas, ao que tudo indica, a Congada se organiza segundo hierarquias que obedecem a padrões culturais e de gênero, haja vista que, os depoimentos analisados apontam para o fato de que quando a mulher resolve dançar e bater caixa, representa uma subversão à tradição. Especialmente, estas ações pertencem ao masculino. Então, esta subversão deve ser controlada, pois a mulher, tradicionalmente, não dança, muito menos, bate caixa, daí a aceitação, mas, ainda, com resistência do terno das mulheres que, apesar de transgredir a tradição misógina, evita que as mulheres se misturem aos homens durante as apresentações dos ternos.

Em entrevista realizada em novembro de 2007, o Sr. Antônio Alves de Lima, Capitão do Terno de Congo Santa Terezinha, ao ser questionado a respeito da participação da mulher na Congada de Catalão, declara:

Agora tem o terno das mulheres é [...] Eu mesmo fui ver assim o terno sair. Eu acho até importante. Bom foi pra fundar esse terno aí teve a votação lá na reunião eu votei a favor. Hoje, a mulher tá participando de todas as funções então, acho que não tem problema nenhum. Teve uns colegas Capitães aí que foi contra mais eu não, porque é acho até viável parece até meio sucesso porque elas tão. (Antônio Alves Lima, Nov/2007).

Então, foi feita uma pergunta mais específica sobre a participação nas Congadas de mulheres que não eram do Mariarte e o Sr Antonio considerou:

Participa... ela faz aí no dia do encerramento, sempre tem a janta, assim, as coisas já é tradição né? Eu falo a gente tem que prestigiar não é só a pessoa que paga, que dança, muitas pessoas que estão por fora por trás, como se diz é muito importante igual nois. Aqui mesmo tem as pessoas que confeccionam os capacetes, ajunta uma porção delas pra ajudar doar aquele serviço pra bordar os capacetes. Aonde agente tem que dar apoio pra essas pessoas que parece que é particular, mais de qualquer maneira ta ajudando a Congada, a tradição da Congada. (Antônio Alves Lima, Out/2007)

Na seqüência o Sr. Antônio foi questionado a respeito da tradição que impede mulheres de dançar junto com os homens nos ternos de congo e ele considera o seguinte:

Eu no meu modo de pensar não tem importância nenhuma a mulher dançar, mais se fosse assim tudo mulher, igual é o Mariarte, aí eu acho mais certo né? Agora não tem problema a mulher dançar no meio dos homens, mais muitas pessoas fica é impressionado né? Eu mesmo num sou contra mais eu acharia que, um terno formado só de mulher, sabe igual ao Mariarte, é mais viável né? No meu entendimento. (Antônio Alves Lima, Out/2007).

Desta forma, pode se observar que, inicialmente, o Sr. Antônio atribui uma espacialização específica às mulheres, primeiro no terno de mulheres, que representa um espaço de subversão em escala restrita, pois não é visto com bons olhos a participação de mulheres junto aos homens em ternos, tradicionalmente, masculinos. É perceptível, desta forma, certa aceitação de que as mulheres dancem na Congada, porém separadas dos homens, em um espaço específico, como o Sr. Antônio afirma na última parte de sua fala.

Outro momento em que faz menção ao espaço da mulher, este se restringe ao privado onde suas atividades estão vinculadas à comida, à costura e aos bordados, neste espaço, que é subalterno e invisível, como ele mesmo afirma “[...] pessoas que estão por fora, por trás”. É como se a comida e a costura não fosse um trabalho vinculado a Congada e sim, uma obrigação doméstica da mulher do capitão, que normalmente é invisível e sem valor afetivo ou de mercado.

Elzon Arruda, Capitão do Terno de Congo Prego, e seu irmão Edison Arruda, dançador do mesmo terno, ao serem questionados sobre a participação das mulheres na Congada, em entrevista cedida em novembro de 2007, declaram que, atualmente, é muito comum mulheres participarem da Congada, dançando em meio aos homens.

[...] até pra formar o terno da Aldanice então, até formar esses ternos assim [de mulheres], houve uma resistência, mas agora essa barreira foi quebrada há muito tempo que aquela mulher do Tobias dança no terno deles agora que eles passaram pro outro pessoal lá, mas ela era um passo forte do terno. Há vários tempos do terno branco do Tonin Adão ela [esposa do Tonin] toda vida dançou no terno [Pio Gomes] lá vestida de homem (Edison Arruda, 2007).

Quando mencionada a presença de mulheres nos ternos masculinos, o tabu de resistência à sua presença é confirmado na fala do Sr. Edison Arruda, com a existência de certo afrouxamento após a fundação do terno das mulheres.

A idéia pejorativa de que as mulheres estariam vestidas de homens, mencionada na entrevista, denota que as mulheres estão ocupando um espaço que não é feminino, portanto, não é seu, o seu espaço é no Mariarte.

Mesmo assim, vários ternos já trazem mulheres dançando em meio aos homens, mesmo os mais tradicionais, como Moçambique Mamãe do Rosário, que é responsável por escoltar a Família Real e os festeiros nos cortejos e na Entrega da Coroa. Isto demonstra que o feminino ganha cada vez mais espaço em diferentes instâncias da sociedade, porém, em um processo lento e de muita luta.

Contudo, as mulheres dos Capitães, dos festeiros, as que enfeitam o Centro do Folclore e o Ranchão, são apenas citadas nas entrevistas realizadas nesta pesquisa. Não existe um reconhecimento de seus esforços e de sua importância na Festa à altura das horas de trabalho e sacrifício que empenham para que a Festa em louvor à Nossa Senhora do Rosário aconteça com todo seu brilho e exuberância habituais. Daí a necessidade de uma pesquisa que aborde este importante assunto.

Considerações finais

A tese da (in) visibilidade histórica e geográfica da mulher é um fenômeno mundial, comprovado por diversos estudiosos de gênero, como: Perrot (1998), (2005) e (2007), Del Priori (2004), Magalhães (2001), Venturi (2004) entre outros. Esta perspectiva mostra que a mulher esteve, praticamente, ausente dos estudos históricos

e geográficos por um longo período da produção acadêmica, indicando que mesmo exercendo funções importantíssimas e crescendo a sua participação na sociedade e nas manifestações culturais, o espaço das ações femininas se apresenta fragmentado por separações de cunho sexista, ou seja, existem lugares apropriados para homens e mulheres, culturalmente e socialmente, construídos por crenças e leis enraizadas nos costumes das diferentes sociedades.

Daí a idéia da (in) visibilidade, pois as mulheres existem, participam, mas não são mencionadas nos momentos de registro histórico, não são livres para transitarem pelo espaço público como desejam³, não povoam o imaginário e a lembrança das pessoas, em locais que são tidos como não apropriados, isto é, ser (in) visível.

Na Congada de Catalão o fenômeno descrito se repete, pois, mesmo diante do fato da Festa do Rosário ser realizada em homenagem a uma figura feminina, Nossa Senhora do Rosário, a imagem predominante da Festa é a masculina, materializada na figura do Rei, do General, do Capitão e do Congadeiro.

A Congada é organizada tradicionalmente segundo uma hierarquia de cunho sexista, onde a mulher não possui expressão de comando, nem de participação nos espaços públicos. Sua ação mais efetiva está vinculada aos espaços privados junto às tarefas vinculadas à preparação e execução da festa.

A mulher ligada à Congada não tem uma visibilidade pública significativa, pois o congo é o personagem principal no imaginário e na memória da sociedade. Assim, a mulher exerce uma função essencial, porém, (in) visível, vinculada ao espaço privado, pois todos sabem que foi uma mulher que confeccionou a farda e preparou o alimento, mas seu nome não foi registrado nos livros, sua imagem não foi imortalizada.

A fundação do terno das mulheres foi uma primeira ação rumo à conquista do espaço público pela mulher congadeira. Porém, este ato é visto pelos entrevistados

³ A idéia de uma mulher freqüentando um bar de periferia altas horas da noite, a vincula, normalmente, segundo a cultura misógina, a prostituição ou marginalidade.

como uma espécie de subversão, parcialmente aceita, tendo em vista a manutenção da figura feminina, restrita a determinados espaços na organização do congado.

Diante disto, percebe-se que apesar das recentes conquistas, materializadas na figura de Capitãs e dançadoras que atuam, também, em alguns poucos ternos mistos, a conquista do espaço público e do reconhecimento social e de grupo pela mulher congadeira, ainda, representa um longo caminho a ser percorrido.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Festa do Santo Preto**. Rio de Janeiro: FUNART; Goiânia: UFG, 1985.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Peões, pretos e congos: trabalho e identidade étnica em Goiás**. Goiânia: UFG, 1977.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **De tão longe eu venho vindo**. Símbolos, Gestos e Rituais do Catolicismo popular em Goiás. Goiânia: UFG, 2004.
- CARVALHAL, Terezinha Brumatti. **A inserção da mulher no sindicato: uma leitura geográfica da questão de gênero**. Revista Perspectiva Geográfica. **UNIOESTE COLEGIADOS DE GEOGRAFIA** Nº 1. 2005. ISSN 1808.
- CARVALHAL, Terezinha Brumatti. **A questão de gênero nos sindicatos de Presidente Prudente/SP**. 2003. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, São Paulo.
- CARVALHAL, Terezinha Brumatti. **Gênero e classe nos sindicatos**. Presidente Prudente: Edições Centelha, 2004.
- CARNEIRO, Maria José. TEIXEIRA, Vanessa Lopes. **Mulher rural nos discursos dos mediadores**. Estudos Sociedade e Agricultura, 5, novembro 1995: 45-57. Artigo apresentado na 47 Reunião Anual da SBPC, São Luiz, MA, 1995.
- DEL PRIORI, Mary. **História das mulheres no Brasil**. 7 ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- DICKSON, Anne. **Mulheres no trabalho**. Estratégias de sobrevivência e sucesso. São Paulo: Globo, 2001.
- KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim. **Nos mistérios do Rosário: as múltiplas vivências da festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário Catalão-GO (1936-2003)**. 2004. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.
- LOBO, Elisabeth Souza. **O gênero da representação: movimento de mulheres e representação política no Brasil (1980-1990)**. Disponível em:

http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_17/rbcs17_01.htm. Acessado em: 2008.

MAGALHÃES, Acelí de Assis. **Histórias de mulheres**. Considerações sobre a privação e a privacidade na história das mulheres. São Paulo: Editora Altana, 2001. (Coleção Identidades).

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

PERROT, Michelle. **Mulheres públicas**. São Paulo: UNESP, 1998.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2005.

RODRIGUES, Ana Paula Costa. **Corporeidade, cultura e territorialidades negras: a Congada em Catalão – Goiás**. 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

SANTOS, Milton. **Ser negro no Brasil hoje**. Folha de São Paulo, Editora Caderno Mais, p. 14-16, Mai/07/2000, seção Brasil Mais.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova: da crítica a Geografia a uma Geografia Crítica**. São Paulo: EDUSP, 2004. (Coleção Milton Santos – 2).

SERPA, Ângelo. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2007.

SAFFIOTI, Heleieth. **Mulher brasileira: opressão e exploração**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

SILVA, Joseli Maria. Um ensaio sobre as potencialidades do uso do conceito de gênero na análise geográfica. **Revista de História Regional** 8(1): 31-45, Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

TOLEDO, Cecília. **Mulheres: o gênero nos une, a classe nos divide**. Cadernos Marxistas. São Paulo: Editora Xamã, 2001.

VENTURI, Gustavo et al. (Org.). **A mulher brasileira nos espaços público e privado**. 1. ed. São Paulo: Editora da Fundação Perseu Abramo, 2004.

Recebido para publicação em fevereiro de 2009

Aceito para publicação em maio de 2009